

# A desigualdade na história dos homens

---

Regina Maria Michelotto \*

*O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer: isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor, estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!” ROUSSEAU (p. 259)*

O estado de desigualdade entre os homens é tão escandalosamente agressivo que vem desafiando os filósofos a desvendá-lo desde há muito tempo, seja de um ponto de vista conservador do *status quo*, procurando justificá-lo, seja visando ao seu fim. A organização da sociedade humana de forma a que alguns homens usufruam dos frutos do trabalho, enquanto outros são impedidos de fazê-lo, já vem se mostrando desafiante desde o tempo dos clássicos pensadores gregos, passando também pelas reflexões dos filósofos-teólogos da Idade Média. Aristóteles, por exemplo, mesmo chegando a avanços inegáveis para sua época, ao analisar as organizações políticas e éticas da sociedade humana e propor encaminhamentos a ela, não consegue ultrapassar a barreira representada pela escravidão. Enfrenta o seguinte desafio: para que houvesse filósofos, matemáticos, pensadores em geral, haveria necessidade de que alguém realizasse as tarefas mais rudes e pesadas – e não consegue (ou não se arrisca a) encontrar solução diferente, acabando por justificar o regime escravista.

Para filósofos católicos da Idade Média, a questão é potencializada pela norma religiosa do Amor entre os homens. Como amar os escravos e continuar a escravizá-los? A “solução” para o impasse, inteligentemente ideológica, apresenta-se na distinção entre igualdade humana e dívida: assim, perante Deus, todos os homens são iguais, embora sua situação terrena seja tão díspar. E, além disso, cria-se a “grande consolação”: depois da morte, os que mais sofreram terão recompensa eterna.

Esse artifício teológico, entretanto, obviamente não coloca ponto final na questão, que torna a ser importante tema, principalmente quando da virada na ordem política dos países da Europa Ocidental, com a ascensão da burguesia. Esta, necessitando de uma base de argumentos suficientemente sólida para justificar a derrubada do antigo regime, articula a Doutrina Liberal, que combate acirradamente a distinção entre os homens. Ocorre, porém, que a desigualdade que estava em foco era a que separava os homens “nobres”, de “sangue azul”, poderosos no regime feudal, dos ricos burgueses que desencadeavam a revolução. O impasse aumenta, entretanto, no momento em que esse mesmo discurso burguês é incorporado pelos trabalhadores às suas reivindicações; como a exploração do seu trabalho era fator imprescindível para a ampliação e acúmulo de capital, desvela-se o cunho ideológico do discurso liberal, que não apresenta nem mesmo a honestidade do pensamento aristotélico, que justificou a escravidão.

Mesmo que não houvesse uma intencionalidade “maquiavélica” no discurso que a burguesia nascente fazia em favor da igualdade entre todos os homens, a história se encarregou de expor suas contradições, e a falácia da igualdade liberal vai fazer com que os seus argumentos se tornem armas na organização dos trabalhadores.

Durante o Iluminismo, muitos pensadores discutiram a questão da desigualdade; entre eles, destaca-se Rousseau, com seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. A desigualdade natural, para Rousseau, está desligada daquela que é moral ou política, estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens (Rousseau, p. 235). Não se encontra, portanto, na origem dos homens, mas na da sociedade civil. Esta é organizada sobre situações desiguais da vida humana, as quais, recrudescidas no correr da história, acabam por desenvolver novas diferenças entendidas como “naturais”. Assim, com base em Rousseau, é possível afirmar, por exemplo, que os “homens gabirus” do nordeste brasileiro, de compleição miúda, pouca resistência física, apresentam uma desigualdade em relação a outros homens, que não pode ser entendida como “natural”, mas que é resultado de dege-

nerescências que, por sua vez, são fruto da perversa situação de miséria em que vivem.

Rousseau, defendendo a pureza do ser humano nas suas origens, em contraposição às idéias de Hume, afirma que as desigualdades ocorrem na relação “rico/pobre” e não na que há entre “fortes e fracos”. Denuncia a criação do Poder Político e das leis como forma de instituir formalmente as desigualdades existentes e afirma que estas são causadas pela riqueza de alguns homens em detrimento da miséria de muitos outros. E acaba indicando a razão e o seu fruto: a ciência, como causa da desigualdade entre os homens.

Para Rousseau, a saída não está, portanto, na razão, mas em uma virtude que ele considera presente na natureza do homem, e que se encontraria já nos seres humanos primitivos: a piedade, “movimento puro da natureza, anterior a qualquer reflexão, e da qual decorrem todas as virtudes sociais” (Rousseau, p. 253). Ele considera que a piedade é extremamente necessária no “Estado de Sociedade” e dá a ela o sentido de amor.

Voltando à questão de ser, ou não ser, a razão fator de impedimento da igualdade social, é importante citar Kant que, analisando o livre arbítrio dos homens no uso da razão (tema extremamente difícil de tratar no momento histórico vivido por esse grande filósofo, que desejava, de qualquer forma, defender o governo de Frederico e as imposições dele advindas), acaba por distinguir o uso público do uso privado da razão (Kant, 1985, p.104). No uso público de sua razão, o homem deve sempre buscar o esclarecimento, sendo, portanto, livre. Já no uso privado, Kant justifica a necessidade da obediência cega e do cumprimento da ordem estabelecida.

Essa distinção, capaz de provocar as mais ardentes críticas de quem condena o autoritarismo, demonstra um fato que jamais deve ser considerado: as interlocuções e as idéias de um filósofo são permeadas por sua situação histórica.

Durante o período conhecido como Iluminismo, dentro da articulação dos argumentos que compuseram o discurso liberal, um documento se destaca na defesa da “liberdade e igualdade civil”, por conduzir à “igualdade real”. Trata-se do Relatório *Instrução Pública e Organização do Ensino*, apresentado por Condorcet ao Comitê de Instrução Pública Francês, no início de 1792. Embora não tenha sido instituído formalmente, esse documento representa o pensamento burguês, no período da busca da consolidação de sua hegemonia, o que o torna muito importante. E é esse contexto que se reflete nas contradições que permeiam o relatório. A defesa da igualdade entre os homens é feita repetidamente, porém, fica explícita a dificuldade que os redatores enfrentaram ao tratar dela. Chegam

ao paradoxo de graduá-la, por exemplo. Referindo-se às escolas secundárias afirmam: “Esse grau de instrução pode, ainda, em algumas considerações, ser encarado como universal, ou antes, como necessário para estabelecer uma igualdade *mais absoluta*” (Relatório Condorcet, p. 8). E ainda: “A vantagem que as escolas secundárias parecem oferecer às cidades é, pois, apenas um novo meio de tornar *a igualdade mais inteira*”. (Relatório Condorcet, p. 9), Havia também que se considerar um “risco” que revela o caráter ideológico do discurso: se uma instrução mais abrangente não oferecesse aos indivíduos um recurso contra o efeito infalível da monotonia de suas ocupações diárias “poder-se-ia introduzir aí uma *desigualdade humilhante e uma semente de perigosas inquietações*” (Relatório Condorcet, p. 9) [ sem grifos no original ] .

Percebe-se que o Relatório apresenta uma tensão constante (parafra-seando Adorno) entre o que deseja afirmar e o que o grupo hegemônico pretende consolidar.

O pensamento de Hegel é outro que vale ser examinado, e cuja importância é inegável. O intrincado caminho que ele aponta para a compreensão se dá como se dá o conhecimento é no ser humano e é enquanto “caminho”, mais um método, o que leva Jostein Gaarder (1995, p. 386), em *O Mundo de Sofia* a afirmar: “Na verdade, há dúvidas sobre se podemos dizer que Hegel teve sua própria filosofia. O que chamamos de filosofia de Hegel é, de fato, um método para se entender o curso da história”. Filosofia ou método, indiscutível é a presença do pensamento de Hegel em quase todos os pensadores que o sucederam. Sua marca é a introdução do conceito de movimento na História, apresentando negação e afirmação articuladas. Ser e não-ser se apresentam juntos, o segundo em forma de possibilidade, que não é uma categoria referente ao futuro, mas ao presente, o que gera um constante movimento. A possibilidade vai demonstrar a dialética entre a afirmação e a negação. Essa explicação do movimento do real é pertinente ao tema da desigualdade entre os homens, face à exposição do cunho político do Movimento Histórico que permite, pela correlação das forças político-sociais, a interferência do *status quo*. Portanto, entender-se que a organização social que se tem não é imutável, é importante instrumental revolucionário.

Hegel tem, ainda, o grande mérito de apontar a abertura do indivíduo a outros, quando afirma que toda a consciência de si só o é quando reconhecida por outros, elemento imprescindível a uma profunda discussão sobre as desigualdades humanas (que não é possível num simples artigo).

A dialética hegeliana serviu de base para a reflexão que Marx desenvolveu sobre a organização social capitalista, chamando a atenção das pessoas para a perversa desigualdade inerente a ela.

Um dos maiores analistas da organização social, política, econômica e histórica de seu tempo, Karl Marx, consolidou-se como um clássico do pensamento científico, conseguindo que suas idéias tenham, ainda hoje, grande e viva atualidade, apesar das muitas mudanças pelas quais passou o Capitalismo, seu fundamental objeto de estudo. Sua filosofia é uma das que Sartre considera insuperável, “enquanto o momento histórico de que é expressão não ter sido superado”. Assim, enquanto a sociedade em que se vive mantiver, como modo de produção dos bens, o Capitalismo, as reflexões marxianas, radicais (porque vão às raízes) serão válidas.

Para Marx, a origem da desigualdade social entre os homens está fundamentalmente no modo como eles se organizam para produzir os bens de que necessitam. Trata-se, portanto, de uma desigualdade forjada por homens e que nada tem de *natural*.

Analisando a *Maquinaria e a Indústria Moderna*, Marx demonstra como a dialética e a análise das contradições são a tônica de suas reflexões:

A maquinaria, como instrumental que é, encurta o tempo de trabalho, facilita o trabalho, é uma vitória do homem sobre as forças naturais, aumenta a riqueza dos que realmente produzem, mas, com sua aplicação capitalista, geral resultados opostos: prolonga o tempo de trabalho, aumenta sua intensidade, escraviza o homem por meio das forças naturais, pauperiza os verdadeiros produtores. (Marx, p. 506)

Indignado com a situação de desigualdade entre os homens, que se evidencia, naquele momento histórico, nas condições de trabalho dos “verdadeiros produtores” dos bens sociais, Marx desenvolveu uma intensa e minuciosa análise dessas condições e conclamou o proletariado a se unir e efetivar uma revolução social. Essa era a via que se lhe deparou para a transformação da situação.

Na mesma linha de raciocínio e aprofundamento da visão marxiana das condições históricas, encontram-se Lênin e Gramsci. O primeiro configurou-se como o maior líder da revolução bolchevista da Rússia, em 1917. Utilizando as idéias de Marx, pretendeu organizar, em seu país, uma sociedade onde as desigualdades sociais, produto da exploração do trabalho, fossem aniquiladas. Esse direcionamento deveria passar, antes de qualquer coisa, pela elevação do

nível de consciência dos operários em geral, é preciso que não se limitem ao quadro artificialmente restrito de “literatura para operários”, mas que saibam assimilar cada vez melhor a “literatura para todos”. Seria mesmo mais exato dizer, em lugar de “se limitem”, “não sejam limitados”, porque os próprios operários lêem e desejam ler tudo o que se escreve também para os intelectuais: somente alguns intelectuais (deploráveis) pensam que é suficiente falar “aos operários” da vida da fábrica e repisar aquilo que eles já sabem há muito tempo. (Lênin, p. 31-2)

Esse trecho demonstra que, para Lênin, o elemento primordial para a revolução era o educacional.

Antonio Gramsci também acreditava nisso e tentou, na Itália, pós primeira guerra, em um ambiente histórico de muita agitação, desenvolver um trabalho educativo com os operários das fábricas de Turim. Criou, com alguns companheiros, uma escola ligada aos Conselhos de Fábrica, que recebeu o mesmo nome de uma revista semanal por eles editada: *L'Ordine Nuovo*. Os acontecimentos políticos que antecederam o fascismo, porém, interromperam esse trabalho e acabaram levando Gramsci à prisão política de Mussolini, onde morreu em 1937.

Interessante é que, se Gramsci foi duramente impedido de consolidar seu intento, no seu tempo, não conseguindo que seu trabalho influenciasse mais profundamente os rumos dados à ordem política da Itália, hoje seus escritos são estudados com muito afinco e sua influência mostra-se bastante ampliada.

O horizonte tão importante e belo da transformação do “reino de necessidade” no “reino da liberdade” é a marca de Marx na obra de Gramsci.

Outro marxista, partícipe ativo do movimento revolucionário na Hungria, foi George Lukács, que deixou uma obra extensa, ainda mais porque a produziu até os últimos dias de sua vida de 86 anos, mantendo sempre uma extrema lucidez. Sua obra é a análise constante não só das questões de seu tempo, como de seus próprios escritos, que vai revendo e discutindo no correr de sua vida.

A partir da oportunidade de acompanhar e participar das revoluções socialistas dos países do leste europeu, que buscaram se apoiar no ideário marxista, Lukács pode presenciar a problemática direção que esse processo foi tomando. A constatação de que a tão esperada busca da igualdade entre os homens estava cada vez mais distante, levou esse pensador a encarar o dilema em que vivia: “a própria vida me ditava, portanto (...) um comportamento intelectual muitas vezes em oposição com o meu messianismo revolucionário idealista e utópico.” (Lukács, 1974, p. 355)

De fato, o rumo que foi dado ao processo soviético levou os pensadores que o acompanharam a rever algumas de suas idéias, embora ainda se mantenha a necessidade de se buscar um caminho que possa conduzir a uma sociedade oposta à que se tem, na qual a situação dos homens é extremamente desigual.

Walter Benjamin, por exemplo, criticado pelo seu colega Adorno como marxista ortodoxo, desenvolveu, entretanto, estudos sobre temas variados. No que se refere ao tema aqui escolhido, o principal em Benjamin é a não aceitação da situação política e a necessidade de que se busque analisá-la. “Escovando a história a contrapelo”, bela expressão para indicar o inconformismo.

Através de um estilo poético, demonstrando a aflição que a situação lhe causava, Benjamin expressava sua crítica aos políticos que deveriam ter mudado o rumo da história e não o fizeram, afirmando: “Estas reflexões tentam mostrar como é alto o preço que nossos hábitos mentais têm que pagar quando nos associamos a uma concepção da história que recusa toda cumplicidade com aquela à qual continuam aderindo estes políticos.” (Benjamin, p. 227).

O preço a pagar foi alto demais, levando esse pensador ao suicídio. O filósofo francês Jean-Paul Sartre retoma a importância de se buscar a elevação do nível de consciência das pessoas. Ao analisar o marxismo, afirma: “Por sua presença real uma filosofia transforma as estruturas do saber, suscita idéias e, mesmo quando define as perspectivas práticas de uma classe exploradora, polariza a cultura das classes dirigentes e modifica-a. Compreender é modificar-se, ir além de si mesmo.” (Sartre, p. 118-119).

O veículo que conduziu Sartre a analisar o marxismo não foi apenas o ideário desse, mas a situação do proletariado real: “(...) o que começava a me transformar (...) era a realidade do marxismo, a grave presença, no meu horizonte, das massas operárias, corpo enorme e sombrio que vivia o marxismo, que o praticava e que exercia à distância uma irresistível atração sobre os intelectuais pequeno-burgueses. (Sartre, p. 119).

Sartre foi um intelectual engajado nas lutas de seu tempo. Para ele, portanto, o desenvolvimento da razão humana, enquanto filosofia real, ao contrário do que afirma Rousseau, levaria à desejada transformação da sociedade em que vivemos.

Reafirmando a determinação social, Theodor W. Adorno entende que “tudo fica aprisionado nas malhas da socialização, e nada existe de natureza à qual não se tenha dado forma.” (Adorno, p. 31). E afirma a importância da formação cultural, que deveria recriar a tensão originária entre a autonomia e a adaptação. Nesse equilíbrio, ele vê a possibilidade de

que “os homens se eduquem uns aos outros.” Essa formação, entretanto, não é vista apenas como uma compreensão capaz de, por si só, modificar as pessoas, pois há um antagonismo social não conciliado que a cultura quer sanar e que, como simples cultura, não pode (Adorno, p. 33). Adorno oferece acréscimos, de alguma forma, à idéia da necessidade de elevação da consciência dos trabalhadores, que se encontra em Lênin e Gramsci, afirmando que a formação foi fundamental no processo de consolidação do poder da burguesia, mas não foi tudo:

Porém, muitas coisas ocorreram com a nova classe que a sociedade burguesa criou, apenas se consolidou. Quando as teorias socialistas se preocupavam em despertar no proletariado a consciência de si mesmo, esta não se encontrava de maneira alguma mais avançada subjetivamente do que a burguesa, e não sem razão os socialistas alcançaram sua posição chave na história, baseando-se em sua posição econômica objetiva, e não em seu contexto espiritual. (Adorno, p. 36)

Adorno alerta para as consciências dissociadas, separadas da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação. (Adorno, p. 32). Apresenta um retrato crítico da situação atual, afirmando que os trabalhadores, que foram privados da oportunidade de usufruir do ócio, ao final de suas jornadas de trabalho, após muitas lutas, ao conseguirem ser atendidos nessa reivindicação, tiveram seus momentos de ócio invadidos pela “indústria cultural”. É o processo que esse autor chama de passagem da não-cultura para a semicultura, mais nefasta do que aquela.

## **Considerações Finais**

Podem os homens ser “iguais”?

Apoiar-se na “constatação” de que vencem, na vida, “os mais capazes” é utilizar, de forma falaciosa, um argumento que parece óbvio, mas que oculta toda a complexidade do processo de desigualdade social. É apoiar o eixo da discussão nos aspectos biopsicológicos individuais. Não é disso que aqui se está tratando. É impossível negar, após os inúmeros estudos que a história apresenta e a constatação de que esse tema vem de-

safiando a filósofos, como os que aqui foram citados e ligeiramente apresentados, um cunho nitidamente social da desigualdade. E se o que é feito pelos homens pode ser refeito, esse é um grande desafio.

A piedade, na forma como é defendida por Rousseau, encarrega cada homem em particular de desfazer a situação de desigualdade. Ora, um problema coletivo, social e histórico de tal monta não pode ser resolvido apenas a partir de desejos individuais. A idéia de que o mundo não é melhor porque os indivíduos não querem, ou não se esforçam suficientemente para isso, parece pobre e insustentável. Com certeza, o incentivo a essa piedade é muito positivo, mas dialeticamente relacionado com uma visão conjunta do problema.

Já o trabalho coletivo de elevação da compreensão da população reafirma o papel importante da educação, embora não se deva ter a ingenuidade de julgá-la capaz de realizar, sozinha, tão grande tarefa. Entretanto, da questão referente à sugestão de vários dos pensadores citados de se buscar a elevação do nível de conhecimento da população, para tentar, neutralizando a indústria cultural, arrancá-la da semicultura, não deve constar uma possível desconsideração daquilo que a população já sabe, e que vem sendo chamado, incorretamente, de Saber Popular. Lênin está certo quando afirma que esse saber não é suficiente, e Adorno, que é permeado pela semicultura, mas também, nesse caso, a influência da Indústria Cultural é contraditória, o que se pode constatar na falta de pessoas que, mesmo sendo analfabetas, opinam sobre sua situação.

No trabalho em educação, muitas vezes questões como essas entram em pauta, por isso é inegável a importância de se desenvolver estudos que levem à compreensão do tema em pauta, e, para isso, a leitura das obras dos filósofos é instigante e fundamental.

## RESUMO

Em um rápido “passeio” pelo pensamento de alguns filósofos, discute-se o tema em pauta, considerando a desigualdade em seu aspecto sociocultural. Não se tem a pretensão de apresentar um artigo sobre filosofia, nem mesmo sobre filosofia da educação, mas tão somente discutir um tema que é concretamente presente na sociedade e com o qual nos deparamos, também, no cotidiano da Universidade, nas atividades de ensino, pesquisa e, principalmente, extensão universitária.

Muitos são os pensadores que se detiveram a analisar o estado de desigualdade social entre os homens. O que se faz aqui é apresentar um rápido apanhado que, cronologicamente abrange de Aristóteles a Adorno, de alguns estudos, no que concerte ao tema. Ao final, tem-se breves considerações a respeito.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. *Teoria da Semicultura*. [s. l, s. n., s. d.].
- BENJAMIM, Walter. *Sobre o conceito de história*. [s. l., s. n., s. d.].
- GAARDER, Josten. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- KANT, Immanuel. *Textos selectos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LÊNIN, V. I. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec. - nota [s. d.].
- LUKÀCS, George. *Posfácio de 1967*. História e consciência de classe. Porto: Escorpião, 1974.
- MARX, Karl. *O capital: a maquinaria e a indústria moderna*. São Paulo: Difel, [s. d.].
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, ano.
- SARTRE, Jean-Paul. Questão de método, marxismo e existencialismo. In: *Os Pensadores*, São Paulo: Abril Cultural.